



AZUL

ANNO I.

Pela Arte

TOMO I.

Director: Thiago Pixoto.

— Curityba, 5 de Agosto de 1900 —



Silveira Netto

Esse delicado sonhador, cujo nome ahí está à entrada desta revista, é um dos magnificos celebrantes da missa espiritual da Esthesia; e o seu nome de há muito vem transluzindo pomposamente nas fulvas irradiações do Verso, em bello destaque de real merecimento artístico.

Silveira Netto, parnasiano por temperamento e por vocação, soube architectar as linhas emotivas desse formoso *Luar de Inverno*, que é um dos mais preciosos relicarios poeticos desta terra e a mais nitente revela-

ção do seu bem organizado intellecto. Como o *maldito* Rimbaud, Silveira possue a bizarria e a justa posição do vocabulo, o infinito capricho das imagens, em que se contorcem as suaves phantazias da sua torturada Visão.

A sua rapida, porém proveitosa permanencia na capital da Republica, ao lado de Cruz e Souza, Nestor Victor, E. de Menezes e outros consagrados, dêo-lhe occasião de alargar o circulo de oiro das suas lucubrações mentaes, de modo a tornar-se elle uma das legitimas glorias do meio litterario paranaense, onde hoje vive recebendo os affectos e as espontaneas ovações desta geração que surge.

Alem das qualidades artisticas que ornam o fundo illuminado d'aquella alma de eleito, o inspirado moço é um desses que fascinam pela crystallina pureza cordeal, plantando fundo no espirito dos que o rodeiam as mais firmes radicações de sympathia.

Como o divino Gauthier e o extraordinario Corbière, Silveira Netto tem tambem a visão pictural, que lhe vale muitissimo no arranjo desses conjunctos quasi plasticos de sua Obra. E é devido a esse particular conhecimento esthetico, que as *nuances* e os tons de occasos e nascentes recebem no *Luar de Hinterno*, ou em qualquer outra producção do artista paranaense, brochadas de uma perfeição admiravel, em que se alinham em agradaveis silhuetas *d'après nature* todas as cambiantes da luz e da côr.

Fóra da obsessão poetica, desconsorciado do tyrso e do septacordium de Anachreonte, Silveira sabe fazer tambem prosa castigada, de uma harmonia singularmente nova, suggestiva e fluente.

Mas, diga-se com franqueza, a accentuação personalissima desto estheta, — seos nervos, sua indole, a sua idiosyncracia emfim, estão exclusivamente no verso, e é com a esencia mystica da poesia que elle ha de subir a escadaria de porphyro do summo-sacerdocio litterario.

Oh! que bello cavalleiro que elle é quando desfralda lá na media idade do Sonho o estandarte de suas pindarescas victorias, ou fanfarrão clarim altisonte dos plectros!

Sim: ha de ser com a lyra de Terpandro que elle subirá ao solio da Arte, lá onde fulgem os verdadeiros templarios do Bello.

Prestando esta sincera homenagem ao digno lapidario da Fórmia, a mocidade do "AZUL" inclue o nome do Silveira Netto entre os d'aqueles que lhe merecem acatamento pelo brilhantismo do talento e pelo valor real e inoffuscavel dos trabalhos exhibidos.



Nevrose da ausencia

(Do Luar de Hinverno)

A ~~Antonio~~ Braga

Ao riso disse, estas doudo; e
à alegria, de que serve esta?

ECCLESIASTES
(Cap. II, 2.)

Escuta no meu seio a surdina da ausencia:
Ei-lo, é um mundo a ruir; ouve bem !
Com toda a solidão nervosa da Demencia
Que desolou Jerusalem . . .

Quanto mais alto vou, mais elle é dezerto.
Loucura ! mas que o Tempo essas loucuras sagre-m'as,
Que são divinas e, por certo,
Tém-me custado muitas lagrimas.

Destroços da paixão ! O mais foi-se nas criptas
Da Sorte, que na Dor bosquejara os meus dias ;
E a Dor é um subterraneo onde — Ophelias malditas —
Afogam-se gemendo a Crença e as Alegrias !

E ficou-me a Saudade — a cinza dos affectos —
Como a lua claustral que ao angelus contemplo !
Cinzas que são da Vida os ultimos aspectos,
Enchendo-me a alma como ao ciborio de um templo.

E pelas quaes eu passo a terra vendo
No magoado fulgor de uma amethysta ;
A aurora me parece uma elegia ardendo ;
Que alma de étheres ha que ao inferno resista ?

Meu grito pela Natureza,
Minha ancia de estudar essa epopeia ardente,
Guarda a mystica tristeza
Que enluara o burel de um monge penitente.

E a lua a dilluir em Sonho a noite escura,
Por essa extraña cõr lendaria das balladas,
Parece-me a hostia da Amargura
Supplicando por nós ás praias constelladas.

Tenho o exilio fatal que a morte em si concentre,
A morte ! essa legenda ; esse márco sidereo
Que a existencia divide aos doidos Seres entre
A noite da Tortura e a noite do Mysterio.

O Seculo, esse é um negro desconforto
Que nas almas crocita a paz amortalhando ;
E o vasto mar da Crença é um funebre mar-morto
Onde o Tédio vae cavo um funeral cantando.

A alma parece que vae no Tédio quebrar-se,
Ainda que ao Infinito a contemplar so affoite;
E a duvida, na Terra, anda a alastrar-se
Como o crepe soturno e immenso de uma noite.

Supplicia-ma o caustico da febre
Com que me exalta a desventura humana;
Que a Dor porem seu canto-chão celebre :
A paz floresce ás portas do Nirvana . . .

Ah ! neste circulo medonho,
Não houvesse a revolta e a esperança do Nada,
Que ao ter gelado a Fé na cathedral do Sonho
Seria-nos a vida uma treva cerrada !

Ah ! não houvesse nesta leva
A sombra de uma vaga recompensa,
E a vida rolaria n'uma treva
Extranhamente immensa !

Silveira Netto.

Nas terras dos infieis

A Leoncio Correia

37 - Jerusalém, Jerusalém que matas os prophetas e apeadrás os que te são enviados . . .
38 - Eis aíl vos ficará deserta a vossa casa.

S. Mateus, Cap. XXIII.

I

Na caravana festival d'uma Chíméra, seguiste, Princeza de olhos verdes, para as terras paradisíacas da Jersusalém do Amor, para o paiz encantado onde Jesus florio.

Era lá que n'um resplendor antigo de pompa liturgica, erguia-se a cathedral orientalesca da Esperança, n'un alto, sob a linda soberana d'um fino céo lyrial.

Pagens reaes partiram, doidos de alegria, altivos e triumphaes, plumas rebrilhando pelo ether, lanças de prata apontadas para a amplidão e cruzes sagradas pendidas do peito, para o sólo en-florescido.

E a caravana, n'un fausto aberto, se foi levantando a poeira luminosa, que resplandecia como

oiro, em nuvens sideraes, tocadas pela aragem.

Pelas margens verdejantes, tu-fadas de lyrios, brancos como as espumas do mar, romeiros do Ideal, n'um alvo sonho, sorriam cantando para a apotheose ex-plendida das estrellas.

E tu, branca princeza incom-paravel, passaste assim ao luar, com refulgencias de ardencias do crespo oc eano marulhoso, nos falbalás do teu regio vestido de seda preciosa.

Tuas joias - saphiras e topaziós - tinham reverberações phantasticas de luzes do Além, em noites encantadas.

E as flores do noivado, as flores de larangeira, n'uma ondulaçāo de nenuphares sobre as ondas d'um rio, fluctuavam nas dobras vaporosas do teu manto de brocatello azul pallido que pendia-te dos hombros esculturaes e raios, velludosos e cor de rubente alvorada.

E era um delirio, e era uma loncura, a tua pompa, como a primavera eterna das estrellas, e o aroma de hysópe do teu Sonho.

Quando assim chegaste, fulgindo como um novo sol, as terras desconhecidas do Oriente, um assombro transformou a primaveril beleza dos teus verdes olhos enluarados.

A cidade estava deserta e silenciosa e triste.

Pedras sobre pedras erguiam-se ameaçadoras, lá onde outrora as samaritanas errantes iam encher de agua corrente, espumante e fresca, os cantaros floridos; pedras dominavam as planícies onde antigamente pastores cantavam junto á um rebanho e virgens enamoradas iam colher a luz macia da madrugada, os cryanthes azuis e as magnolias lactecentes.

Rosas escarlates da loucura enginaldavam n'uma orgia festiva, n'um sabbat endoidecido, as torres cahidas da cathedral da Esperança.

Somente o céo era azul, iluminado e claro, como as aguas do mar, n'um amplo dia glorioso, de virações serenas e luz resplandorada.

Procuraste, Princeza, a Jerusalém do Sonho e encontraste a Jerusalém da maldição.

Herodes, sorprehendente en'um sorriso de hyena sacrificou no alto d'un lenho, negro e frio, o teu loiro e doce Ideal.

Judeos da Crença e da Fé, envoltos n'um manto estraçalhado, cercaram os caminhos, uivantes, como lobos famintos.

Os teus pagens reaes morreram luctando por ti.

E eram o Sonho e o Amor que lá repousam eternamente, na sombra das ruínas crescentes e colossaes, como as sombras da noite.

Barbaros cercaram o teu coração imaculo, como um altar, de coroas de espinhos.

Cobriram-te de opprobrio, a ti que tinhas a docura d'uma Santa, a branura d'uma flor de noiva e o fulgor d'uma fina estrel-

la da manhan, suspensa sobre um Eden.

E te arrastaram assim pelas ruas crueis da realidade esmagadora, a ti que florescias na pulverisação vesperal d'um Sonho.

De espadas rutilantes traspassaram-te o Ideal, traspasando primeiro a tua alma.

Ai de ti, Jeruzalém da Illusão, que apedrejas os que tó são enviados.

II

Quando no meu Solar, as folhas amarellecidas das arvores mortas, tinham aos laivos do luer do outono o brilho d'um manto de oiro e as scintillações das estrellas rutilantes, sob um céo triste, o meu Ideal se foi em procura das terras desejadas e te encontrou, ó Jerusalém da maldição, ó patria do desespero!

O peregrino retrocedeo perdido, com assombro no olhar, com soluções na alma, conduzindo nos braços extenuados o funeral do Sonho, morto pelos infieis do paiz sagrado.

Voltou exhausto, e a Chiméra ficou pelas fragoas do caminho e a alva capa de bohemio que fôra, vinha tinta do seu sangue.

A caravana pomposa do primeiro encanto, lá ficou em ruina no cimo de esmeralda do Golgotha.

Rosas escarlates da loucura e do desespero boiavam vermelhando as aguas do Cedron.

Nos campos dezertos que o inverno amortalhára, salgueiros velavam funerariamente, como phantasmas gélidos, em ronda no cemiterio.

Mas tambem de ti, ó imensa Cathedral da Esperança, erguida na terra dos musulmanos, de ti, hoje não resta pedra sobre pedra.

Ó Jeruzalém do Sonho que matas as virgens e os romeiros que te são enviados!

Ó Jeruzalém da Illusão! tu és a Jeruzalém phantastica dos Herodes crueis!

Palavras loucas

Moço, que passas cantando,
Velho, que chegas chorando,
Que buscas?

A ventura, as alegrias,
São como as flores, os dias,
Desapparecem, enão voltam mais!.

Vós que trazeis, moços poetas,
As vossas almas repletas
De canções,
Não vos firaís nos espinhos
Que se alastram nos caminhos
Longos e tristes das desillusões !

Como estranho peregrino
Parti um dia. O Destino
Me apontou
Da romaria no inicio
Um céo ao Sonho propicio,
Sob o qual a minha alma repousou.

Tantas mulheres formosas,
Tantas sombras lumiúosas
Vi então
Que, se a lagrima primeira
Não me viesse ligeira,
Rugisse o mundo! Rugiria em vão

Sombras fugaces... Em bando
Fugiram se atropellando,
De uma vez,
E eu deixei pelo Universo,
Na saudade do meu verso
Toda a amargura de uma viuvez!

Se lembro! Quando partira
Tinha commigo uma lyra
Pr'a cantar
Deusas, mulheres e flores,
Os colibris e os condores,
O azul dos céos e a vastidão do mar !

Sonhava! Que sonhos bellos!
A luz da lua, em castellos,
Castellás;
E fogosas cavalgadas
Trotando pelas estradas
A doce luz de fulgidas manhãs!...

Castellos!... ruiu-os o vento
(Não saibais!) do Soffrimento,
Tão sem dò,
Que minhas magoas carpindo,
Vivo rindo, rindo, rindo.
Entre mil homens me sentindo só!.

Eói-se o caminho das dhalias!
Volto... rotas as sandalias;
E os meus pés
Sangrando o sangue da vida
Dessa jornada comprida,
Feita de magoas tantas através !

Não ouçais, poetas, o corvo
Que crocita, hediondo e torvo.
No pombal
Onde, sem dores nem prantos,
Construis, por entre cantos,
Cavalleiros do Amor! o vosso Ideal!.

Leonceio Correia.

Renascença

Ao Santa Rita Junior.

Velha Jerusalém disseminada em tintas,
Que ao Luar do Presente a antiga luz transportas :
Vejo-te no pallór das Eras indistintas
Scintillando atravéz das negras Sombras mortas !

Contens a mesma cõr das perolas extintas
E o mesmo resplendor do sol beija-te as portas !
Reçumam do teu seio as gerações extintas
Ao doce modular das orações que exhortas !

Indago do Passado no Manto quo te cinge !...
—Terra Santa do Christo entre Brilhos suspensa,
Desperta desse sonho infinito de Esphynge !—

Das lendas immortaes da vella Palestina
Presinto o renascer dos Romeiros da Grelha,
Como um Sol a romper atravéz da neblina !

Generoso Borges.

Página intima

Alma engastada dentro de um sonho róseo, sonho de primavera e amor,
vivi por ti mais do que nunca. Envolveste-me n'um círculo de perfume e
veneno e eu deixei-me estontear de loucura ante o teo perfil singelo de misteriosa Walkiria. Amei-te por um transcendentalismo de meu espírito e fui conduzido por um affecto desprevenido, cívado de ciúmes e ancas de morte.

E rias de tudo !

Desci do cimo do meu ideal, baixei do meu orgulho de poeta para escabujar a teos pés, esmagando todas as minhas esperanças, todas as minhas aspirações de moço. E rias sempre !

Quiz salvar-te dessa tempestade surda do lodo e traição que ulula sobre a tua cabeça immaculada e lançaste-me a baba esverdeada do teu escárneo.

Ah ! mas não rias, não rias mais, porque o riso é filho primogenito da loucura.

Lembras-te que dentro do baluarte inexpugnável em que pouso, todos os projectis se converterão em flores e que na balaustrada fictícia em que te arrimas todas as flores que te forem enviadas poderão se converter em projectis.

Guarda ao menos para ti, esta página que não pudeste comprehender.
E' uma página de triumpho.

Nicolau dos Santos.

?

Apenas a cabeça no travessero deito
Procurando no sonho um dulcido descanso,
Um phantasma augural, pé ante pé, de manso
Vem se abeirar do meu desalinhado leito,

Ao Leite Junior


Ao vel-o, do terror, eu sinto o duro efeito,
Estremecendo o corpo um estranho balanço.
Pasma fico... e depois, a perguntar-lhe avanço:
Que vens fazer aqui visão de negro aspetto?...

Nada, porém, me diz essa visão que à noite,
Como quem não encontra um canto onde se acoste,
Vem perturbar-me o sonno e perturbar-me a paz...

E na fria mudez de quem perscruta o Vago
Fico a pensar, e alísim, no coração indago:
Não será o remorso esse phantasma audaz?...

Adolpho Wernck.

Arte de amanhã

(Barlet e Lejay)

Concluzão.

Estas duas faculdades de carácter passivo, correspondem á percepção das duas especies de Belleza absoluta: Belleza da Idéa independentemente da forma; Belleza da forma, abstracção feita da Idéa. A terceira faculdade, de carácter activo, é relativa á alma humana.

E' a *faculdade de adaptar as ideas ás formas ou as formas ás ideas*;

E' propria ás escholas: classica e romantica.

Na pratica estas trez faculdades se manifestam particularmente pelos trez elementos de toda obra artistica:

A *Ideação*, ou concepção da Idea;

A *execução* que, acabamos de ver, não pode se limitar ao *métier*;

E' a *composição* ou disposição do *assumpto*, que deve harmonizar a execução e a ideação.

*

Notareis que estas distincções são tão naturaes que caracterisam mesmo ás diversas formas da Arte.

Recordae-as em sua essencia.

As artes plasticas se distinguem pela predominancia da execução, repartidas em trez generos conforme suas distincções: arquitectura, na qual predomina a forma; escultura, na qual a disposição é o principal, e pintura na qual a idea se torna mais nitida.

As artes dramaticas se caracterizam pela disposição; são o *rhythmo* e o *gesto* que lhes emprestam a variedade da vida. Apresentam trez generos semelhantes: a musica, o jogo theatral e a elocução.

Emfim as artes litterarias nos apresentam a idea apenas velada

na: poesia, no theatro e na litteratura philosophica ou religiosa.

Esta digressão servirà para lembrar mais nitidamente como é raro encontrar no mesmo artista as nossas trez faculdades fundamentaes. Assim como é raro encontrar quem cultive todos os generos de producções artisticas; é tambem muito raro encontrar no mesmo pintor as trez qualidades primordiaes.

DARIO VELLOSO.

~~~~~

**E**sse nobro cavalleiro do Idéal, que sob o pallium desdobrado da via-lactea, por essas noites de luar, anda cantando hymnarios de oiro, veio hoje enflorescer o «Azul» com as suas plumas faisantes e com os seus elmos fulgidos e triumphaes.

Ao Leoncio Correia, pela fineza do brinde requintadamente artistico, somos immensamente gratos.

~~~~~

Devido a fidalga gentileza do distineto moço Augusto Stresser, resplandecem hoje em a nossa revista, finas illustrações.

Agradecemos a distinção desse modesto artista, que tanto honra o Paraná.

~~~~~

**P**or um descuido de revisão passaram em o numero atrazado diversos enganos no conto de Santa Rita Junior e n'outras producções.

## Expediente.

O AZUL será publicado quinzenalmente.

## ASSIGNATURA:

2 mil rs. por trimestre.

## REDACÇÃO:

**Praça da Republica N.º 4.**

*Typ. „Der Beobachter“*

Travessa da Proclamação N.º 5.

CURITYBA,